

O que o futebol faz conosco

Sobre jogo, trabalho, mercado e nação

Kai Froeb

Sobre esta tradução

Esta tradução foi feita automaticamente com IA e ainda não foi totalmente revista por uma pessoa. Caso encontre erros, por favor comunique-os para feedback@reflexivitypress.com. Quem tiver comprado o livro e nos comunicar erros receberá gratuitamente a versão corrigida em formato e-book.

Autor
Kai Froeb
https://kai.froeb.net

Editora
Reflexivity Press
São Martinho do Porto
Edição Kai Froeb

Versão mais recente e correções:
https://reflexivitypress.com/pt/livros/froeb-fussball-essay
Comentários: feedback+pt.fussball-essay.v2.2@reflexivitypress.com
Capa: https://reflexivitypress.com/pt/sobre-nos/linguagem-visual/

Publicação
2026-06-27
Versão 2.2
Typeset with LaTeX (LuaHBTeX, Pandoc + Eisvogel)

Nota sobre a génese

Escrito com o modelo de linguagem Claude (Anthropic). A conceção, o conteúdo e a responsabilidade cabem ao autor. A tradução foi feita com o apoio de modelos de linguagem de IA. Como se trabalhou descreve-o o ensaio "A filosofia na era das máquinas que escrevem": https://reflexivitypress.com/pt/sobre-nos/maquinas-que-escrevem/

© Copyright 2026 by Reflexivity Press, São Martinho do Porto.
Todos os direitos reservados.

Zero Marginal Cost License 1.3 (ZMC 1.3)

Resumo em linguagem acessível

O que não tem custo marginal não deveria ter barreiras.

Você pode

- **Ler, baixar e copiar** a obra gratuitamente.
- **Compartilhar digitalmente a obra sem alterar seu conteúdo, para fins não comerciais**, indicando o autor, a fonte e a licença.
- Converter o formato do arquivo e realizar adaptações técnicas necessárias à acessibilidade, sem modificar o conteúdo.
- **Imprimir ou encomendar exemplares individuais e presenteá-los** para uso pessoal e não comercial; os custos diretos podem ser reembolsados sem acréscimo ou lucro.
- **Traduzir a obra** para uso próprio, pessoal, não público e não comercial.
- Utilizar individualmente a obra para educação e pesquisa e citá-la, para fins não comerciais, segundo os padrões acadêmicos, sem substituir a obra por uma coletânea de trechos.

Condições

O uso deve permanecer **não comercial**. Em caso de compartilhamento público, devem ser informados, sempre que razoavelmente possível, **o autor, a fonte e a licença**. Você não pode impor restrições legais ou técnicas adicionais nem sugerir que o autor ou a editora endossam seu uso.

Todos os demais direitos reservados

Esta licença permite exclusivamente os usos expressamente indicados. Qualquer uso além dessas permissões exige autorização específica do titular dos direitos, salvo se já for permitido por lei.

As permissões legais e os direitos à remuneração permanecem preservados. Materiais de terceiros podem estar sujeitos a condições próprias.

Importante: Este resumo é apenas informativo e não constitui uma licença independente. Vale o texto integral da **ZMC 1.3**:

https://reflexivitypress.com/pt/zmc/



Sobre o autor

Kai Froeb (nascido em 1963) é um filósofo e especialista em informática alemão que vive em São Martinho do Porto, Portugal. O seu trabalho associa mais de trinta e cinco anos de investigação sistemática sobre Hegel às possibilidades da inteligência artificial, desenvolvendo uma nova forma de colaboração filosófica.

O seu pensamento é radicalmente interdisciplinar. Estudou Matemática e Informática na Universidade de Erlangen-Nuremberga, Gestão de Empresas na EBS, bem como Estudos Culturais e Direito na Universidade a Distância de Hagen. Paralelamente, dedicou-se intensamente à Filosofia, à Sociologia e à História no âmbito de um Studium generale. Conduziu deliberadamente os seus estudos sem os orientar para a obtenção de graus académicos, a fim de preservar a liberdade de um percurso independente de pensamento e investigação para além das fronteiras disciplinares da universidade.

Desde o final da década de 1990, Froeb dirige **hegel.net**. Disponível em doze línguas, o site figurou durante muitos anos entre os primeiros resultados das pesquisas internacionais sobre Hegel no Google e tornou-se um dos principais recursos da Internet dedicados à filosofia de Hegel. É provavelmente, ainda hoje, o mais extenso site multilingue dedicado a Hegel na Internet.

No contexto de **hegel.net** e de **hegel-system.de**, Froeb constituiu também um amplo arquivo de fontes livremente acessível ao público. Só a coleção em língua alemã disponibiliza gratuitamente para descarregamento 506 edições originais digitalizadas de obras de Hegel e dos hegelianos do século XIX. A estas juntam-se coleções noutras línguas, incluindo 19 obras originais em inglês.

Mais de quarenta anos de experiência em programação desde 1980 constituem outro fundamento metodológico do seu trabalho. O seu primeiro programa foi uma reimplementação do ELIZA, de Joseph Weizenbaum: fecha-se assim o círculo que conduz das primeiras experiências com inteligência artificial à atual colaboração produtiva com Claude. Froeb utiliza os seus conhecimentos informáticos não apenas como recurso técnico, mas também como instrumento

de pensamento: analisa estruturas sociais e filosóficas com a precisão de um arquiteto de software.

Froeb desenvolve uma obra filosófica autónoma que se insere na tradição de Hegel, procurando, contudo, prossegui-la nas condições do presente. No seu centro encontra-se uma abordagem performativa própria da verdade, que constitui o fundamento comum dos seus livros filosóficos. A verdade não surge neles apenas como objeto de afirmações, mas como um movimento que tem também de se comprovar na própria forma do pensamento e da exposição.

O seu objetivo é a desmistificação através da clarificação conceptual: penetrar pelo pensamento todos os limites, incluindo os daquilo que inicialmente parece inacessível. Na sua obra, a forma segue o conteúdo: a estrutura, os conceitos e o método orientam-se pela própria matéria. Ao mesmo tempo, procura a acessibilidade: apresentar uma filosofia exigente com a maior clareza possível, no espírito da melhor tradição científica anglo-americana, sem a simplificar.

O seu motivo orientador é a fórmula de Hegel: «O verdadeiro é o todo» — a procura de uma integração que não tenha de reprimir nada.

Zur Herkunft dieses Textes

In meiner Grundschule in Belgien gab es jeden Morgen Gymnastik. Ich habe jede Stunde darauf gewartet, dass sie vorbei ist, und bei Sportübungen geht es mir bis heute so. Beim Mannschaftssport wurde ich als Letzter gewählt. Im Fußballverein, in den meine Mutter mich anmeldete, durfte ich Torwart oder Verteidiger spielen, weil das niemand wollte; nach ein paar Monaten waren der Verein und ich uns einig. Beim Judo habe ich jahrelang meinen weißen Gürtel verteidigt. Das Beste daran war das Malzbier mit meinem Vater danach. Sportübertragungen im Fernsehen bedeuteten, dass die Zeichentrickserie ausfiel.

Später habe ich mit Kollegen Fußball geschaut, und hier im Café in Portugal tue ich es wieder. Nicht wegen des Spiels — das langweilt mich noch immer. Die Leute freuen sich, und man kommt ins Reden.

Genau das ist der Gegenstand dieses Essays. Wie bildet sich dieser Zusammenhalt? Woher kommt die Tradition, das Gefühl von Gemeinschaft, das „Wir“ eines Menschen, der keinen Ball berührt hat? Dass Politiker und Firmenchefs das benutzen, ist die kleinere Frage. Die größere ist, warum es sich benutzen lässt.

ÍNDICE

O que acontece conosco no futebol **1**
Um gol 1
Jogo e trabalho 1
O torcedor 3
Por que prende 5
Por que justamente o futebol 6
O reverso 7
Quem ganha 9
O grande “nós” 11
O que fica em aberto 13

O QUE ACONTECE CONOSCO NO FUTEBOL

Um gol

Um gol sai[1], e um estádio inteiro se levanta de um salto. Estranhos se abraçam. Em mil salas de estar, pessoas gritam contra a televisão, como se os jogadores pudessem ouvi-las. Na manhã seguinte, alguém diz no escritório: "Nós ganhamos" — e no entanto não tocou na bola, não conhece nenhum dos jogadores, não teve a menor participação no que se passou em campo.

De onde vem esse "nós"?

Jogo e trabalho

Desde a Antiguidade distinguem-se o trabalho necessário, o descanso e a atividade livre; modernamente, disso costuma resultar a oposição (Gegensatz) entre trabalho e jogo. O jogo parece livre porque teria seu fim (Zweck) em si mesmo; o trabalho, não livre, porque visa a salário, pão, sustento. O jogo seria, então, a ilha da liberdade (Freiheit) num mundo repleto de coerções.

Só que isso separa o que não se pode separar. Um jogador de futebol corre, passa, chuta, e cada passo persegue um fim: manter a bola, encontrar o companheiro, acertar o gol. O passe serve à jogada, a jogada ao gol, o gol à vitória, a vitória à tabela. Toda uma escada de fins, um sobre o outro. Também o jogo não tem seu fim puramente "em si mesmo".

1 Este ensaio foi motivado pelo artigo "Copa do Mundo – futebol, mercado e identidade nacional", de Christian Iber, Agemir Bavaresco e Lutiero Esswein (A Terra é Redonda, 24 de junho de 2026). Dele provêm a tripartição que guia o texto — jogo e liberdade (Freiheit), mercado e identidade (Identität) nacional — e vários motivos: o futebol como linguagem global das regras (Regel) simples, a transformação do pertencimento do torcedor em consumo, a persistência da nação na globalização. A presente elaboração parte de outro ponto: do "nós" do torcedor, das hierarquias de fins (Zweck) em vez da ausência de fins, da mecânica do vínculo do torcedor e da atenção como matéria-prima econômica.

A alegria, no entanto, está ali — no movimento, no drible bem-sucedido, no passe que chega. Mas ela não está ao lado dos fins, está dentro deles. Tem-se a alegria ao perseguir o fim, não em lugar dele. Mesmo quem joga só para relaxar persegue com isso um fim — justamente o de relaxar.

A diferença (Unterschied) entre jogo e trabalho não está, portanto, em que um tenha fins e o outro não. Está em como os fins estão ancorados na vida (Leben). Os fins do jogo são emoldurados: valem num espaço demarcado, suas consequências são limitadas, o conjunto é repetível. Perde-se uma partida e, no sábado seguinte, está-se de novo no começo (Anfang). Os fins do trabalho estão sob a pressão da autopreservação (Selbsterhaltung) real — quem os falha não perde uma partida, mas salário, posição, sustento. É essa ausência de consequências que torna o jogo leve, enquanto ele permanece jogo. No profissional, a seriedade do trabalho retorna ao jogo.

O profissional persegue os mesmos fins que o menino do campinho, a mesma escada do passe ao acesso. O que nele se acrescenta não é um outro fim, mas uma mão alheia sobre toda a escada. Ele é assalariado: vende sua força de trabalho, está sob contrato, obedece ao treinador, serve a um clube sob pressão econômica. Enquanto joga, a decisão sobre o que faz já não lhe pertence inteiramente — treina quando se marca o treino, joga onde o escalam, troca de clube quando o vendem. Sua vontade (Wille) não desaparece; ele improvisa, decide, interpreta o jogo a cada segundo. Mas move-se num quadro estabelecido por outros e passa a querer (wollen) o que deve querer sob fins contratuais, de clube e de treinador. Não porque sua situação se assemelhe à do servo ou do escravo — o profissional é juridicamente livre e muitas vezes rico —, mas porque, de forma mais branda e voluntária, retorna o mesmo momento estrutural: a atividade está sob um fim alheio.

Disso depende mais do que o futebol. Não é o jogar que se torna fardo, mas o jogar sob direção alheia. A mesma atividade alegra enquanto é própria e oprime assim que uma vontade alheia se coloca acima dela. Quem vê isso ouve com outros ouvidos a exortação de que se deveria simplesmente “trabalhar mais”.

No futebol, algo encobre essa dureza, e isso o torna tão útil como imagem. A competição, a coesão do time, a meta comum ofuscam o fato de que os jogadores prestam seu desempenho para outros — para o clube, seus proprietários, seu balanço. Por isso a equipe serve tão de bom grado como modelo para o mundo do trabalho: imagina-se o quadro de funcionários como um time que corre unido rumo ao gol comum, e a forma capitalista por baixo — quem executa os fins de quem, a quem pertence o resultado — desaparece do campo de visão. Justamente isso torna a imagem ideologicamente útil.

No craque, o trabalho assalariado tomba para dois lados ao mesmo tempo. Para cima: um jogador de classe mundial é tão escasso que dita condições com que um empregado comum não ousaria sonhar. Para baixo: sua carreira é curta, o corpo se desgasta, o reconhecimento (Anerkennung) depende do desempenho. Uma má fase, uma lesão, a idade, e o celebrado de ontem já não desempenha papel algum. Seu capital é o corpo, e este perde valor de mercado mais depressa do que termina uma carreira profissional comum; nenhum fundo solidário amortece isso. Nos que mais ganham, o dinheiro amortece: quem guarda milhões nos anos de fama fica amparado depois. Segue duro para os muitos abaixo, a maioria dos profissionais, que de qualquer modo mal vive do futebol e no fim fica com nada (Nichts). O futebol de elite não é a exceção (Ausnahme) do mundo do trabalho, mas sua exacerbação.

Também os próprios jogadores circulam nessa ordem como mercadoria e força de trabalho. Talentos de regiões mais pobres — África, América Latina, partes da Ásia — são descobertos cedo, formados, vendidos e puxados para os centros do capital do futebol, na Europa e, mais recentemente, para onde o dinheiro está mais concentrado. É o mesmo movimento de qualquer outro capital: busca a força barata onde ela cresce e leva o rendimento para onde já está acumulado. O futebol reflete nisso, em pequeno, a divisão internacional do trabalho.

O torcedor

O torcedor não joga, assiste — e sofre, vibra, espera, desespera-se com um acontecimento que não influencia. O primeiro que o sustenta é a apreciação da habilidade. Quem vê um bom jogo vê pessoas que dominam algo, e sabe valorizá-lo; justamente porque ele mesmo não o consegue, intui o quanto é difícil. Assim se aprecia a habilidade de um cantor, de um ator, de um bailarino — o desempenho que se mostra na execução. O aplauso ao drible bem-sucedido não é comprado.

Mas isso ainda não faz um torcedor. Pode-se apreciar a habilidade de um adversário e, ainda assim, não suportá-lo. O torcedor é parcial, e nisso está o cerne.

Ele pertence. “Sou do Corinthians”, “torço pela Argentina” — frases assim situam uma pessoa. Quem é torcedor é alguém: parte de uma comunidade com sua história, seus heróis, seus arqui-inimigos. Os antigos pertencimentos se desfazem — confissão, estamento, a profissão para a vida inteira —, e a pergunta

"Quem sou eu?" fica em aberto. O clube dá uma resposta que está imediatamente à mão, não exige formação e coloca a pessoa numa ordem maior.

Por trás está uma necessidade (Bedürfnis) mais antiga que o mercado. O indivíduo isolado, que calcula por si e tem sua liberdade em comprar e escolher o que quiser, não existe assim originariamente. Ninguém vem ao mundo como Robinson; nasce-se numa família e pensa-se, desde o início, em contextos. Onde o mercado ainda não penetrou tudo, vê-se isso com mais clareza — ali o singular (Einzelne) compreende-se primeiro a partir de parentesco, lugar, história comum, não como indivíduo que escolhe. O mercado dissolve esses contextos, peça por peça, em meros trocadores singulares (Einzelne) — mas a necessidade de comunidade ele não dissolve. Ele a agrava. Quanto mais isolado o indivíduo, mais forte o desejo de pertencimento, e as marcas, as comunidades de consumo, os círculos de torcedores, as modalidades esportivas o atendem, cada uma à sua maneira.

Algumas dessas comunidades são reais: os colegas de trabalho, os colegas de escola — embora se possa perguntar até que ponto também elas já foram corroídas pela concorrência e pelo dinheiro. Outras são apenas imaginadas, e por isso não irreais: não existem antes do signo comum, mas surgem com ele, e produzem efeitos. Uma afinidade constatada ajuda na conversa, gera simpatia, dá um ponto de contato: quem cita o mesmo clube já não é totalmente um estranho. No futebol, os sinais da dissolução estão à vista de todos, e ainda assim o torcedor se vivencia ligado a outros torcedores e compartilha com eles um sentimento que lhe parece fundamental.

O clube local, poder-se-ia pensar, ao menos tem fundamento racional — afinal é o "meu" time. Mas os próprios jogadores não são nós. Não são nossos filhos, nem sequer nossos amigos, mas gente que por acaso nasceu na mesma cidade — no clube profissional nem isso, mas caramente contratada de todo o mundo. Não os conhecemos.

O que une não está, por isso, no time, mas no que está à sua volta. Quanto mais próxima a coisa, mais vestígios de uma comunidade real. Talvez o sobrinho de um conhecido jogue lá. Sobretudo: os colegas vão todos ao estádio, no escritório vibra-se junto, já pai e avô torciam pelo mesmo clube. E todos os que vivem no lugar compartilham algo de qualquer modo — o clube torna essa comunhão visível, simboliza-a. Aqui há um fundamento real por baixo: as pessoas de um lugar realmente têm a ver umas com as outras, e no clube veem isso mais uma vez diante de si.

Isso muda à medida que a unidade (Einheit) cresce. Num microestado — Mônaco, um Estado insular —, os cidadãos ainda compartilham quase tanto quanto os de uma cidade. Em países grandes como Alemanha, Brasil, EUA ou

China, o fundamento comum se torna tênue; o que a seleção simboliza quase já não tem uma comunidade real debaixo de si. Quanto mais longe, menos vestígios — até que, no astro distante, não resta nada de real além do próprio entusiasmo.

Daí o papel peculiar do esporte hoje. Quando havia dois canais de televisão, a nação sentava à mesma hora diante do mesmo seriado policial. Via-se em família e sabia-se milhões no mesmo instante diante da mesma imagem. A simultaneidade fundava comunidade para além da sala de estar. Isso se desfez; cada um tem sua série, seu canal, sua tela. O esporte é um dos últimos lugares em que milhões ainda vivenciam a mesma coisa ao mesmo tempo — uma última fogueira.

Por que prende

Por que o clube prende com mais veemência do que seria razoável? Uma comparação com outras coisas a que as pessoas se apegam ajuda.

Primeiro, a marca. Mostra-se pelo que se compra quem se é — carro, grife, tecnologia. Na maioria das marcas, continua sendo um sinal; quase ninguém constrói sua pessoa sobre usar uma marca de tênis em vez de outra. Em poucas, consegue-se mais: usuários da Apple, motociclistas da Harley vivenciam sua marca como parte de si, defendem-na, reconhecem-se uns aos outros. Esse é o sonho dos publicitários — fazer da clientela uma comunidade. Onde ele se realiza, a marca já é quase um clube.

No torcedor, essa comunidade existe, e repousa sobre algo que falta à marca. A marca prende pela posse; compartilha-se o que se compra. O clube prende pelo destino compartilhado: vitória e derrota, acesso e rebaixamento, clássico, lesão, transferência. O usuário da Apple não perde no sábado para a Samsung, o motociclista da Harley não é rebaixado. A marca tem clientes; o clube tem companheiros de sofrimento. Encontram-se, vibram juntos, compartilham alegria e decepção — uma família de afins, mais do que um signo compartilhado.

E o vibrar em comum não é um sentimento morno. O coração acelera, algo está em jogo, o desfecho está aberto. De modo semelhante ao filme de terror ou ao thriller, aprecia-se a tensão e o susto justamente porque se está na plateia e não se é realmente atingido. Só que o torcedor, diferentemente do espectador de cinema, julga estar de fato implicado — e está-o junto com outros. O temer compartilhado, o júbilo compartilhado lhe parecem algo fundamental, quase existencial, e isso une mais do que qualquer concordância tranquila.

No esporte acrescenta-se algo peculiar: julga-se contribuir pessoalmente. O décimo segundo jogador, o jogo em casa, a crença de que o próprio incentivo faz diferença. No estádio há algo nisso: o barulho das arquibancadas carrega uns e pressiona outros, e a vantagem de jogar em casa não é mera ilusão. Mas diante da tela, onde a maioria está sentada, nenhum jogador ouve o grito — e no entanto o torcedor ali não vibra menos e se vivencia igualmente como coautor do destino de seu time. O vínculo é mais forte onde a influência é menor.

Depois, a competição. Apple e Windows não a travam; cada campo se sente superior, mas não há árbitro, nem resultado, nem decisão. O esporte decide, segundo regras (Regel) fixas, com vencedor e perdedor. Essa é uma fonte própria de paixão, com dois lados.

Um é o prazer do confronto em si, do medir-se. Ele não está só no estádio, mas na disputa verbal dos rappers, no beef dos youtubers, na troca de golpes da política. A disputa atrai; pertence-se a um lado tomando partido contra o outro. O outro lado é a peculiaridade do campeonato. Uma eleição decide uma vez, depois há sossego. Aqui se luta de novo semana após semana, ganha-se, perde-se, e mal a temporada termina, começa a próxima. Nunca se ganha definitivamente e nunca se está pronto; nunca se perde definitivamente e nunca se desiste. Uma máquina que produz sempre nova tensão — por isso prende, a longo prazo, como quase nada.

Por fim, a história comum, também a dolorosa. Cada clube tem sua saga: estava-se lá quando a velha arquibancada ainda existia, viajou-se junto para o jogo fora de casa, sofreu-se junto a derrota pelo gol sofrido no último minuto. Feridas sofridas em comum, só que sem consequências — perde-se a partida, não a vida. Justamente a ausência de consequências as faz cimento: quem atravessou junto uma derrota amarga está unido como pessoas que superaram um sofrimento real, só que sem o preço. A vida em si muitas vezes não tem uma história em que se apareça; é uma confusão de acasos. A história do clube fornece o que falta — uma narrativa com triunfo e tragédia, na qual se tem um papel.

Por que justamente o futebol

Tudo isso não vale só para o futebol. Toda modalidade tem seus torcedores, e em cada uma se encontra o mesmo, aplicado a ela. Algumas modalidades, porém, exigem uma explicação própria de por que justamente elas tomam um país —

muitas vezes histórica: o críquete na Inglaterra, o beisebol nos EUA, crescidos ao longo de gerações.

O futebol é mais do que isso. Estende-se muito além de sua origem — sobre a Europa e, pelos caminhos do colonialismo, sobre a América do Sul e a África. Em grandes partes da Ásia e na Oceania ele não tem a mesma primazia cultural; ali outras modalidades estão à frente, críquete, beisebol, rúgbi. Mas também ali ele cresce, e o torneio traz cada vez mais essas regiões para dentro. Por que tomou muito mais fundo uns cantos do mundo do que outros, caberia investigar à parte. Onde, porém, ele se firmou, isso se reforça por si: o que tem prestígio a mídia amplia, e como os astros são milionários, a ideia de riqueza se liga à de jogo. Mas o fundamento (Grund) mais profundo é a acessibilidade. Nem todos sabem cantar, e nem todos podem jogar golfe — um exige talento, o outro o campo, os tacos, o dinheiro. Futebol exige um terreno livre e uma bola, nada mais. Todos já jogaram, todos podem correr junto, todos comemorar junto. O que se conhece na própria carne aprecia-se de outro modo do que aquilo que só os craques dominam.

Também a escolha de para quem se torce tem aqui sua margem (Spielraum). De saída é o clube da cidade, a seleção do próprio país. Mas pode-se também tomar a própria habilidade como modelo, para além da origem — o Messi, o Ronaldo, como antes muitos fora da Alemanha tomaram Boris Becker. Que a mídia amplie o que as massas querem ver e que as massas queiram ver o que é ampliado não é mera manipulação, mas um negócio que se reforça mutuamente.

O reverso

O torcedor julga contribuir incentivando. Esportivamente faz-o muito menos do que pensa, e quem está diante da tela, de modo algum; seu júbilo não substitui nenhum passe, nenhum deslocamento, nenhuma finalização.

Contribui mesmo assim, só que de outro modo do que imagina. O torcedor não é o contrário do consumidor, mas o consumidor mais intenso: ingresso, salsicha, cachecol, camisa, revista, às vezes a ação. E mais: ao ser torcedor e se entusiasmar, mantém desperto seu interesse pelos jogos. Esse interesse, multiplicado por milhões, torna os jogos valiosos, pois a atenção dos torcedores é a mercadoria vendida aqui. Assim, o efeito (Wirkung) esportivo e o econômico até se separam: aquele que atua no estádio é o mais raro; quem está diante da tela, que esportivamente nada realiza, é aquele cuja atenção sustenta a engrenagem.

Ele ajuda o clube, portanto, de fato — não por fazer o time jogar melhor, mas por se entusiasmar e assim gerar o interesse de que tudo vive. É a lógica do rito confuciano: ele não age porque força um objetivo, mas porque sua execução reafirma a ordem. Assim o torcedor fortalece o clube ao ser torcedor e mostrá-lo. Sua execução é a contribuição — a econômica, que ele não vê, não a esportiva, que ele pensa.

Talvez seja bom que ele não veja. Se soubesse, a cada jogo, que seu verdadeiro papel é o de pagador, o entusiasmo custaria mais a se sustentar. A divergência entre o efeito sentido e o efetivo não é acaso; ela mantém a devoção pura.

Até onde chega a exploração da atenção mostra-se no fato de que ela agora reconstrói o próprio jogo. Nesta Copa do Mundo, cada tempo é interrompido por uma pausa de três minutos para hidratação, em todo jogo, mesmo em estádio climatizado e com tempo ameno. Dos dois tempos fazem-se assim quatro quartos, como no esporte americano. A primeira razão é respeitável: os jogos ocorrem no verão norte-americano, e o calor põe em risco os jogadores. Mas nessa mesma pausa as emissoras podem agora colocar sua publicidade — ao menos onde a programação e as regras nacionais o permitem, pois nem todas a usam; um corte completo do jogo em andamento, que o futebol até então não conhecia. A FIFA assegura não ganhar nada com isso; o lucro fica com os detentores dos direitos de transmissão, e só para a emissora dos EUA circulam estimativas de cerca de 250 milhões de dólares em receitas publicitárias adicionais. Se a soma exata procede importa menos do que a estrutura: uma interrupção do jogo se torna tempo de transmissão vendável.[2] O futebol foi por muito tempo incomum no fato de seus quarenta e cinco minutos correrem sem interrupção — sem lugar para o bloco no meio. Esse mesmo espaço vazio agora é preenchido.

À mesma lógica pertence o intervalo, que nesta Copa foi ampliado, seguindo o modelo do Super Bowl, para um show de quase meia hora com músicos famosos. Ambos, as pausas de hidratação e o show de palco, têm a mesma origem: ninguém entre os torcedores os havia pedido, e ambos foram, ainda assim, introduzidos de cima, pouco antes do torneio e sem debate. Esse é o verdadeiro achado — não que exista publicidade e show, mas a direção da decisão. O formato do jogo não é orientado por aquilo que o jogo ou o espectador exigem, mas por aquilo que se deixa comercializar. A substância segue o negócio, não o

2 Cf. Reuters, 24 de junho de 2026, sobre as pausas obrigatórias para hidratação aos 22 e 67 minutos e sua justificativa oficial; The Guardian, 14 de junho de 2026, sobre as regras publicitárias que permitem às emissoras veicular publicidade durante as pausas, desde que estejam de volta ao jogo trinta segundos antes do reinício. Nem todas as emissoras o utilizam (por exemplo, ITV e Telemundo não).

inverso; e o que se impõe aqui no maior palco se imporá depois, com tanto mais facilidade, nas competições menores.

Quem ganha

Os números desencantam o murmúrio. Um levantamento anual abrange os vinte clubes de maior receita do mundo e divide suas entradas em três fluxos: o dia de jogo (ingressos, alimentação), a transmissão e o comercial (patrocínio, publicidade, artigos de torcedor). Por último, cerca de 43 por cento couberam ao comercial, 38 à transmissão, 19 ao dia de jogo.[3]

Na bilheteria do estádio, o torcedor paga, portanto, a parte menor. Mas os dois grandes fluxos dependem dele. Quanto valem os direitos de transmissão? Valem porque tantos assistem; paga-se pela transmissão porque em torno dela se consegue vender publicidade. O patrocínio paga pela mesma razão: porque os torcedores olham. Mais de oitenta por cento das receitas convergem, no fim, para uma coisa só — a comercialização da atenção que o torcedor gera ao ser torcedor.

(Os números provêm dos maiores clubes do mundo, os mais transformados em marcas. Na várzea, a conta é outra, com mais salsicha e menos patrocínio. Até onde o mecanismo desce, caberia verificar à parte; no topo, está claro.)

Nesse topo está ainda alguém de quem raramente se fala: o organizador. Uma competição precisa de alguém que a realize, estabeleça as regras, admita os participantes, determine o local, venda os direitos. Esse alguém — a FIFA para a Copa, o COI para os Jogos — está sentado sobre um monopólio. Ao lado da "Copa do Mundo" não se consegue pôr uma segunda, tanto quanto uma segunda rede de água ao lado da da cidade. Quem detém o monopólio fixa os preços de transmissão, patrocínio e ingressos quase a seu bel-prazer.

Nesta Copa, esse "a bel-prazer" assumiu uma nova forma. Os preços dos ingressos já não eram fixos, mas oscilavam conforme a demanda, como numa bolsa: sobe o interesse por uma partida, sobe o preço em tempo real. É a mesma precificação dinâmica que se conhece de voos e hotéis, e ela aproxima o ingresso de um objeto de especulação — seu preço já não mede o que o jogo custa, mas o que o mercado oferece no momento. O organizador extrai assim exatamente o valor que o entusiasmo vale agora. A atenção do torcedor, que já é a verdadeira mercadoria, é assim ordenhada no instante de sua oscilação máxima.

3 Deloitte Football Money League 2026; números dos vinte clubes de maior receita da temporada 2024/25, somando cerca de 12,4 bilhões de euros.

Onde um só decide o que torna valioso um bem sem valor, a corrupção está próxima — não diferente do político local que determina se de um terreno se faz área de construção. A história da FIFA é atravessada por corrupção, de esquemas de propina a concessões de torneios contestadas. O mecanismo que a mantém estável se assemelha ao das Nações Unidas: mais federações-membro do que Estados na ONU, e cada uma tem um voto. O de uma pequena federação insular pesa tanto quanto o de uma grande nação do futebol. Isso soa democrático e tem uma consequência calculável. As muitas federações pequenas formam juntas a maioria, e dependem do fomento vindo de cima — dinheiro para campos, treinadores, base. Esse fomento é real e necessário; é justamente aí que está sua dupla natureza. Quem o distribui cria dependência e gratidão, queira ou não, e quem quer permanecer no topo as cultiva. Nem todo fomento é suborno; mas um sistema em que acesso, reconhecimento e dinheiro passam por uma só mão é vulnerável ao clientelismo — o domínio pela distribuição. Assim, de uma ajuda legítima faz-se um meio (Mittel) de lealdade, sem que jamais seja necessária uma compra aberta. O negócio lucrativo permanece tranquilo enquanto a maioria é mantida.

Como esse mecanismo trabalha mostra-se na ampliação do torneio. O campo de participantes foi primeiro ampliado para quarenta e oito seleções e, ainda durante a Copa em curso, a próxima ampliação para sessenta e quatro foi posta em discussão — como resposta a críticas vindas da Europa. Esportivamente, pouco a favorece; a conta é outra. Mais vagas significam mais chances de participação para as pequenas federações da Ásia, da África e da América Central, e seus votos garantem a maioria. A ampliação parece mais participação e é ao mesmo tempo o meio de aumentar a maioria mantida. Não custa nada a quem está no topo — quem paga o preço é o torneio, que fica cada vez mais disforme, e os torcedores, para quem ele se torna mais caro e mais distante.

O mesmo poder decide quem pode, afinal, jogar. A Rússia está excluída de todas as competições desde o ataque à Ucrânia; os EUA, cujos militares nos mesmos anos levaram várias vezes a violência além de fronteiras alheias, sediam a Copa. Não é preciso equiparar os casos para sentir falta do critério: não há regra (Regel) que expulse o agressor do palco, senão ela não atingiria só um. A Rússia deixou-se excluir porque já estava isolada; os EUA são anfitrião, grande mercado, potência midiática, o centro (Zentrum) da ordem que sustenta o torneio — excluí-los significaria despedaçar o próprio torneio. Quem pode estar no palco das nações não é decidido pelo direito, mas pelo poder.

O caso mais agudo deu-se em torno do Irã. O país anfitrião fez, antes e durante o torneio, guerra contra um país participante: lançou bombas sobre o Irã, cuja seleção ao mesmo tempo disputava a Copa. As consequências atingiram

diretamente o lado esportivo. A liga local, em que joga grande parte do elenco, ficou suspensa por meses por causa da guerra; o time teve de transferir seu alojamento dos EUA para o México e recebeu apenas vistos de curta duração para os dias em torno de cada jogo, de modo que a cada vez precisava retornar imediatamente; alguns membros da equipe nem sequer puderam entrar. E, no entanto, o torneio seguiu como se nada fosse. Uma competição que se apresenta como festa do entendimento entre os povos suporta que o anfitrião bombardeie um dos participantes — não se pode mostrar mais claramente que não é o direito que ordena o palco, mas o poder que o possui.

O círculo se fecha. A devoção dos muitos embaixo e a renda de monopólio dos poucos em cima andam juntas. O entusiasmo do torcedor, o que há de mais genuíno na coisa, é a matéria-prima da qual se faz, em cima, o lucro.

O grande “nós”

Resta o “nós” do início, o que o homem no escritório diz, embora nada tenha feito. Na Copa do Mundo ele se torna maior.

Quem diz “nós” aí? Diante da mesma tela, com a mesma camisa, no mesmo gol, vibram o operário e o diretor, a caixa e o médico-chefe. Pela duração do jogo parece suspenso o que é real o ano inteiro: a diferença (Unterschied) das camadas, das classes, das fortunas.

O futebol relaciona-se com essa diferença de três maneiras. Alguns clubes a carregam: onde dois clubes de uma cidade se enfrentam, ela se carrega socialmente — o chique contra o simples, o burguês contra o alternativo, e a escolha do clube diz quem se é e quem não se é. Outros clubes a superam: por trás do clube da cidade industrial está a cidade inteira, do operário ao diretor. A seleção nacional parece apagá-la; une através de todas as camadas.

Essa comunidade, lá fora, na economia real, justamente não existe. Ali se está dividido — em cima e embaixo, capital e trabalho, pobre e rico. No estádio aparece unido o que lá fora está separado, como no Exército, onde igualmente todos os estamentos se dissolvem numa camaradagem que de outro modo os separa. Uma suspensão (Aufhebung) simbólica das classes, real na vivência e nula nas consequências: após o apito final, cada um volta à sua situação.

Na Copa do Mundo, ao “nós” soma-se o país. O time o representa; não é apenas uma comunidade que se vivencia, mas uma que representa um todo — a nação. Com isso mudam as regras. Não competem clubes, mas federações, e quem quer jogar por um país precisa ter sua cidadania. Aqui a lógica se abre:

o jogador de outra origem, nascido em outro lugar, é naturalizado para poder jogar, e os torcedores o saúdam quando marca. A exclusão que habitualmente se atribui ao nacional não desaparece simplesmente; é suspensa enquanto o jogador encarna com êxito o nós nacional. Quem marca, pertence. Quem falha pode de repente aparecer de novo como o estranho, de cuja origem se lembra.

E o que as seleções representam, também o exprimem. Cada uma tem suas cores, seu brasão, seu mascote, muitas vezes um modo próprio de jogar e de se portar pelo qual é reconhecida. Os torcedores o prolongam, enfeitam-se com bandeiras e rostos pintados e levam o típico nacional ao folclórico — capacetes de viking, sombreros, uma cerveja nas cores nacionais. Assim a unidade imaginada se torna, por um verão, colorida e visível, e a variedade dos países entra lado a lado num palco. É também a ocasião em que um público de televisão aprende, de passagem, algo sobre países distantes que de outro modo nunca aparecem — uma espécie de aula de geografia entre os jogos.

Torcer pelo próprio país não é aí a única relação. Ao lado está a apreciação das seleções que jogam de modo especialmente belo — um prazer por si, independente da origem. Alguns a cultivam como distinção própria: fazem mais do que apenas agitar bandeiras, sabem também distinguir e louvar o belo. Ambos correm lado a lado, e, na dúvida, vence mesmo o próprio país. Nisso a conta fecha de modo estranhamente sempre: se o próprio time vence o favorito, é grande façanha; se empata, resultado honroso; se perde, era afinal contra os melhores. O próprio país, a rigor, não pode perder.

Uma simpatia própria vai ao pequeno — não ao que simplesmente sucumbe, isso é só pitoresco, mas ao que elimina um grande do torneio antes de ele mesmo fracassar. Isso toca em algo: na vida real, a maioria é mais Davi do que Golias. Assim como, pequeno, a gente se sonha dentro do grande, sonha-se dentro do pequeno que mostra ao grande.

Vai além quem carrega os confrontos com o que lhe ocorre sobre os países — sua política, sua história, sua posição no mundo. Então, na final, não joga Espanha contra Argentina, mas a velha potência colonial contra o Terceiro Mundo ascendente e autoconfiante; e quem conhece o vencedor sabe para onde vai o mundo. Pode-se também escalar a mesma partida de outro modo: o país do ultraneoliberalismo e da proximidade com Trump contra um país de outra tradição. Ambas as interpretações saem do mesmo confronto, e o desfecho confirma, em cada caso, aquela que se trouxe. O que serve para duas conclusões opostas não sustenta nenhuma das duas. Todo país tem história suficiente para que se lhe possa dar o papel de que se precisa no momento; a escolha da categoria (Kategorie) se orienta pelo resultado desejado. Há alguns anos consultou-se um polvo num aquário, que deveria prever os jogos decidindo-se entre duas caixas

de comida. Entre sua escolha e o desfecho não havia nenhuma conexão, e todos o sabiam. A carga política é, em sua construção, o mesmo movimento — uma ligação trazida de fora para a coisa, que na coisa nada tem que a sustente —, só que se julga profunda. Onze jogam contra onze; quem vence depende da forma do dia, do acaso e de decisões do árbitro, não da política econômica dos governos. O que é satisfeito é uma necessidade de significado que o jogo não fornece.

Mas o país não é o clube. Com o clube nada prende senão a escolha; do próprio país depende-se realmente — por leis (Gesetz), impostos, proteção, a vida que se leva nele. Por isso a identificação nacional não é tão sem consequências quanto a com o clube. Sob o véu da amizade entre os povos e do bom perdedor corre, ainda assim, uma concorrência das nações, e ela toca no real. A crítica marxista, que já via na reconciliação de classes uma ideologia, um ópio, encontra aqui seu caso mais agudo. O "nós" do jogo abrange também os que governam o país, e sua política — e justamente quando se está insatisfeito com ela ou ela se dirige contra os próprios interesses. Vê-se isso em que a crítica ao próprio país facilmente passa por sujar o próprio ninho, e em que os governantes gostam de sentar na tribuna, no brilho do jogo, que um pouco se transfere para eles.

O brilho, porém, não se transfere só para os governantes. Alcança também o cidadão comum. Quem vem de um país cuja seleção está brilhando é abordado sobre isso no exterior — como se tivesse feito algo ele mesmo. O próprio país tem um time ótimo, portanto se é, com ele, um pouco ótimo. Disso não decorre muito, mas um pouco de simpatia sim, e ela conta no trato com estrangeiros.

O que isso significa pode ser visto de duas maneiras. Talvez a reconciliação simbólica alivie a pressão para enfrentar a cisão real — o futebol dá por horas a sensação de igualdade e tira a ponta do desejo de igualdade real. Pão e circo. Ou a unidade vivenciada é, por mais sem consequências que seja, um prenúncio do possível — uma lembrança de que as camadas podem se encontrar, de que o que separa não tem a última palavra. Então o futebol não acalma, mas desperta. Qual visão acerta depende de circunstâncias que seria preciso examinar caso a caso.

O que fica em aberto

Algumas coisas foram apenas tocadas. O prazer do confronto, a necessidade profundamente arraigada do "nós contra eles", cuja raiz permanece aberta. A violência dos hooligans, que não se explica pelo ser torcedor, mas por seu tombar

(Umschlagen): onde as pessoas, de resto, não se sentem eficazes em nada, o confronto simbólico se converte em real, e a válvula vira foco de incêndio. E a questão de até onde tudo isso, mostrado nos grandes clubes, vale para o clube pequeno da esquina, onde resta mais dos vestígios genuínos de comunhão.

O futebol é jogo e trabalho ao mesmo tempo, comunidade e negócio, sentimento genuíno e atenção vendida, reconciliação simbólica e talvez o prenúncio de uma real. Na única palavra "nós", que no gol sai de mil gargantas, está tudo isso. Quem a grita pode depois desmontá-la — e a grita de novo no próximo gol.